



Entrevista
Mónica Baldaque

A minha mãe desenvolveu a solidão para aguentar a vida”

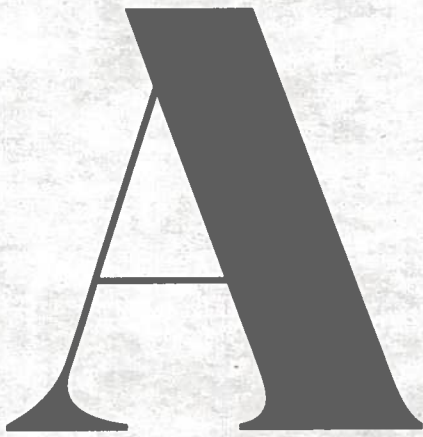
Escritora, pintora e museóloga, Mónica Baldaque é também guardiã da obra da mãe, Agustina Bessa-Luís. Ao Expresso falou das muitas casas e ainda mais vidas de um dos nomes grandes da literatura portuguesa — que só se atreveu a ler com propriedade depois da sua morte, em 2019



POR TERESA GENS (TEXTO) JORNALISTA
E RUI DUARTE SILVA (FOTOGRAFIAS)







os 78 anos, Mónica Baldaque, escritora, pintora e museóloga, é guardiã da obra da mãe, Agustina Bessa-Luís — a maior escritora nacional para uns, ininteligível para outros. Em julho lançou o romance “O Espelho Veneziano”, o seu décimo livro. Na véspera de nos receber, no lugar de Gólgota, casa onde estive à cabeceira da mãe até ao fim, pôs o ponto final no próximo: “As Casas da Vida de Agustina”. Na do Douro, incontornável, havia três fantasmas. Além deles, havia tudo, o tudo que enchia os livros de Agustina — um ser, uma espécie de extraterrestre que veio para ler pessoas, filosofar e escrever, diz Mónica.

Esta é a casa onde os seus pais viveram até ao fim. Esteve aqui parte da longa doença da sua mãe e é hoje a sua casa. Mas houve várias casas da família. Está, aliás, a escrever sobre elas...

Acabei esse livro ontem. Houve muitas, muitas casas antes de eu nascer, já lhes perdi a conta, mas falo das 16 mais significativas. Que eu conhecesse, foi a nossa casa no Douro que recordei como aquela, com ambiente familiar, em que tudo se conjugou para as memórias. Esta, quando os meus pais a compraram, eu estava a estudar em Lisboa e, quando voltei, vivi aqui três anos, mas não teve o mesmo significado. Para os meus pais foi a casa da vida deles, 40 e tal anos, até ao fim.

A sua mãe teve uma doença prolongada. Esteve à cabeceira dela durante esses tempos?

Foram 12 anos, eu vinha cá todos os dias, mas estava cá a Alcina, a cuidar dela 24 sobre 24 horas. Quando o meu pai morreu, achei que devia vir para o pé dela e assumir a continuidade nesta casa — e foi o melhor que fiz.

Como foi a despedida da sua mãe?

A despedida é o momento em que ela morre e deixa de respirar. Percebi que a respiração estava a diminuir e estive ao pé dela até ao último minuto, até sentir que já não estava cá. Esteve sempre muito tranquila.

Quando se perde os pais sentimo-nos órfãos?

Não. A solidão foi um exercício que a minha mãe sempre desenvolveu para aguentar a vida, a complexidade que é a vida. Eu tive essa escola. Admitindo a solidão, para nós, como uma coisa boa.

Diz que a família do seu pai era prudente, sem expectativas, e a da sua mãe guerreira e inconformada. O que foi buscar a cada um dos ramos?

Acho que fui buscar pouco à família do meu pai, embora tenha recordações boas, sobretudo do meu avô, que era militar e sempre foi um homem com uma vida muito limpa, muito organizada, com uma capacidade de diálogo e de entrega aos outros comente, até. Mas o lado da minha mãe sempre foi mais interessante, mais desregrado, mais livre...

Davam espaço à individualidade?

Sim, muito. Cada um era respeitado.

Sentiu sempre esse espaço à medida do seu crescimento?

Senti. Senti que me deixavam, os meus pais, os meus avós, sobretudo a minha avó (materna), com quem lidei muito. Não tinha nada a ver com ternura, de resto ninguém da família era ternurento, não eram pessoas para dar um beijo, para abraçar...

Refere-se à tal avó colérica? Que partia pratos em fúria?

Sim. Lidei muito com ela, adorava-a, era uma mulher exemplar, mas se me perguntar porquê não sei dizer, porque, realmente, o exemplo dela não era o melhor, às vezes. [risos] Era de um autoritarismo feroz, colérica, mas, ao mesmo tempo, era uma mulher que adorava teatro, e havia malas e malas com fantasias lá em casa. Era todo um ambiente que uma criança gosta de sentir, muito livre...

Como a deixava ser livre sendo autoritária?

Comigo era condescendente. Na verdade, os adultos não nos prestavam grande atenção, como eu não lhes prestava muita atenção.

É curioso, porque nas cartas que Agustina escreve à sua avó há um grau de exposição fora do normal, diria. O autoritarismo da mãe não a cerceava?

Repare que a minha avó não lhe respondia. Há só uma ou outra carta da minha avó para a minha mãe sobre coisas banais, do dia a dia, mas a esse discurso da minha mãe ela nunca responde. No entanto, a filha continuou sempre a escrever-lhe.

Então, era uma forma de lhe dizer: “Isto é o que eu sou, mãe, goste ou não.”

Sim. “Isto é o que eu sou, o que eu sinto e o que eu quero dizer.”

A Mónica tinha uma relação assim com a sua mãe?

Não, não tinha muito. A relação com a minha mãe não era assim. Ela falava comigo sempre acertando no essencial e naquilo que eu sentia, o que eu queria, o que eu não queria. A minha mãe sabia tudo isso por intuição. E eu, às vezes, até tinha um certo receio de falar com ela. Quando estava interna no colégio e recebia cartas da minha mãe tinha medo de as abrir. Sabia que ela me ia dizer qualquer coisa que eu não queria que me dissesse, mas que era, certamente, verdade.

Mas tinha receio de quê? De mostrar fraqueza?

Não era isso, era porque achava que aquilo era uma intromissão injusta. Como é que ela sabia que eu pensava aquilo, que eu queria aquilo? E ela sabia...

Tendo amigas, conhecia as mães delas. Encontrava algum paralelo com a sua?

Nada, nada. As mães das minhas amigas eram criaturas completamente estranhas.

A estranha não era a sua mãe?

Elas é que eram estranhas, e eu não as queria como mães. Ia às casas delas e não queria aquilo, não queria aquele ambiente para mim.

A sua não era uma mãe típica. Diz até que, às vezes, sentia uma violência no seu olhar quando estava a trabalhar. Imagino que precisasse daquela distância.

Sim, é mesmo isso. Mas, mesmo assim, a minha mãe fazia muito mais sentido para mim. Eu confiava muito mais na minha mãe do que nas

outras. Parecia-me mais verdadeira. Sempre me senti segura com ela — embora sentindo, também, que ela tinha a sua vida, que não estava propriamente centrada em mim. Era ali e com aquela pessoa que eu gostava de estar, embora ela não tivesse nada a ver com as outras. Há pouco tempo, uma amiga lembrou-me que a mãe dela foi a nossa casa queixar-se à minha mãe das histórias que eu contava. Metiam medo às filhas. Eu sempre gostei muito de ouvir e de contar histórias. A minha mãe também ouvia as histórias de toda a gente.

E apresentou-lhe Poe, o mestre da narrativa macabra...

Foi. Eu inventava as histórias que gostava de contar, e essa mãe veio queixar-se porque essas histórias deixavam as meninas assustadas. A minha mãe veio contar-me, a rir, a rir imenso. À senhora não faço ideia o que respondeu, deve ter dito que me ia repreender.

A sua mãe, diz, era um ser diferente, fala dela não como mãe nem como mulher ou filha mas como um extraterrestre que veio para nos observar, para escrever sobre nós...

Sim, ela era uma espécie de extraterrestre, era isso. [risos] Um ser que caiu aqui. Acho que vai perceber muito bem isso no livro que acabei de escrever sobre as casas dela. Realmente, o momento em que ela morre foi para mim uma libertação.

Em que medida?

Foi uma libertação enorme, porque desliguei-me completamente dela como filha e vejo-a como uma criatura que esteve aqui ao pé de mim.

Um objeto de estudo?

Sim, e isso tem sido fascinante para mim. Vejo-a na obra dela. Nas páginas que ela escreveu encontro vestígios de coisas verdadeiramente estranhas que não sei se são entendidas pela maioria das pessoas. O meu pai dizia que talvez daqui a 100 anos haja alguém que saiba ler a Agustina.

O seu pai passava tardes a descortinar lugares, objetos, pessoas, nos livros da mulher...

Éramos nós os dois. Ainda o faço, mas, na verdade, está quase tudo feito.

Mas também há ficção?

Não, não há ficção.



A célebre frase de que escrevemos sobre o que conhecemos foi levada a peito?

Completamente.

Voltando ao entendimento da obra da sua mãe no futuro. Problema: os miúdos leem cada vez menos, quem é que a vai descobrir?

Há sempre quem leia. A maioria perdeu o hábito, mas há sempre uma minoria. As elites são mais pequenas, mais reduzidas, e essas é que vão dar continuidade a todo o conhecimento. E não é só ela, quantos não há por aí fora com a mesma qualidade da minha mãe... Uns escreviam sobre a Rússia, outros sobre Inglaterra, a minha mãe escrevia sobre o seu país.

A montante do exercício da escrita há muito pensamento na obra da sua mãe, ela era uma filósofa.

Ah, sim, muito.

O seu pai dizia que o país não a reconheceu como pensadora.

Acho que ela teve uma vida reconhecida, recebeu prémios, mas não houve de facto o reconhecimento dela como pensadora, aí houve um afastamento.

É por isso que ela não está mais presente?

Não é possível estar. O que é que vão dizer? O que é que são capazes de dizer? É fácil seguir a história superficial — que é muito momentânea —, mas o essencial é muito difícil de entrar, é de uma profundidade que exige preparação da pessoa para ler, e não é qualquer um que a tem. Eu compreendo que seja difícil.

O seu pai não compreendia.

Ele aceitava. A minha mãe é que era completamente desprezada dessa forma de classificação dela, não queria saber, só queria escrever. O meu pai tinha uma certa pena que, no país, na maioria, haja um bloqueio em relação à escrita da Agustina.

Se ela tivesse assumido uma posição de esquerda, teria sido diferente?

Tinha. Embora a esquerda nunca a tivesse hostilizado.

Mas quando houve decisões a tomar, nomeadamente das que podem deixar rasto na educação...

Sim, sim, aí houve um pé atrás.

Porquê?

Porque ela é perigosa, qualquer pensador é perigoso, porque vai

espoletar nas pessoas estratos que estão adormecidos e que, se saltam cá para fora, podem ser perigosos.

Não fui capaz de perceber quantos livros de leitura obrigatória tem Agustina.

Nem sei, o que sempre achei é que era terrível "A Sibila" ser de leitura obrigatória. É um livro difficilimo. Como é que se dá a uma criança com 16 anos para ler? Claro que fica traumatizada para toda a vida. Não é um livro nada fácil, é preciso saber onde é que aquilo se contextualiza. Há outros muito melhores, há os contos, que têm uma linguagem mais acessível.

Lá está a central tia Amélia [a Sibila], nem sequer próxima da sua mãe...

A minha mãe não era muito próxima dela, mais isso.

Era uma das tais mulheres empoderadas (o palavão que hoje se usa) que atravessam os livros de Agustina?

Era, era uma mulher rara, excecional. Agora quando se diz que a minha mãe é feminista por escrever sobre a mulher... Acho que não era com esse fim, simplesmente eram mulheres que ela conhecia e admirava.

Chamarem-lhe feminista não será mais por ter colocado um anúncio para escolher companheiro?

Ela pôs o anúncio para escolher uma pessoa culta e inteligente.

Precisamente, para ela escolher, não a família. Era assim que se casavam as meninas de boas famílias em 1943?

Ah, isso sim. Mas repare que foi uma decisão consentida pela mãe dela, pela minha avó Laura. Achou muito bem, apoiou-a e incentivou-a a fazer isso. Essa minha avó também era uma mulher muito diferente, de resto a minha mãe fala muito dela, mete-a muito na sua escrita. E nas cartas que lhe escrevia dava para perceber uma grande ternura. No fundo, a mãe da minha mãe foi um exemplo para ela. A minha avó era uma mulher livre, tão livre que até casou com um jogador, um homem da noite, dos casinos, que foi o que ele fez até morrer.

A sua mãe perscrutava os amigos que a Mónica trazia cá a casa. Enflava-os num gerador de raios-X e muitos não voltavam.

Era. Sempre tive muita dificuldade em manter proximidade com

“

Só passei a lê-la [Agustina] com conhecimento quando morreu. O facto de ser filha impedia-me de me atrever a julgá-la”

amigos. Ela fazia uma leitura imediata, e eu vinha a constatar que tinha razão.

Isso não contraria o “tu és um ser individual, faz o teu caminho”?

Mas isso mantinha-se, só que era inevitável ela fazê-lo, fazia-o em relação a toda a gente, à peixeira, à criada, então com os seus próprios amigos era terrível.

Isso seria excruciante para eles...

Era. À minha mãe, verdadeiramente, quem a aguentou foi o Eugénio de Andrade, foram sempre muito amigos. E a minha mãe, às vezes, era cruel com ele. Porque lhe dizia como pensava.

Sem querer saber como ele o receberia?

Sem querer saber.

Ele encaixava em prol da amizade que lhe tinha?

Perfeitamente.

Muitos não encaixariam...

Não, claro que não. E também houve outra amizade, aquele poeta anglo-argentino, Juan Wilcock, com quem a minha mãe trocou correspondência bastantes anos — e que para mim foi a (epistolar) mais espetacular de todas. Porque ele também é feroz com ela. Está a ver (o que o meu pai dizia), saiu esse livro, essa correspondência, que foi uma coisa única, conseguida com imensa dificuldade, e ninguém ligou. Falou o Pedro Mexia, dizendo que é excecional, mas não houve mais ninguém. E nessa correspondência Agustina está toda explicada, revelada, a forma de estar, o temperamento, o carácter...

Como em nenhuma outra obra publicada?

Nenhuma.

Ela e esse poeta conhecem-se num colóquio de escritores e filósofos em 1959 e iniciam a troca de cartas. Num delas, Agustina escreve: “Depois [de o conhecer] tomou-me o de sempre, o receio e a dúvida pelo seu encanto. Isto acontece-me sempre com as pessoas agradáveis, procuro nelas a burla, a malícia e a razão de as converter em monstros.”

Ela não conseguia controlar.

E o poeta responde: “Exigente amiga, não fazia falta dizer-me que a minha companhia lhe foi por vezes desagradável. O que me obriga a responder-lhe que a sua me foi sempre [...] verdadeira, útil, satisfatória e inspiradora [...] portanto peço-lhe que não me invente à sua maneira.”

Mas eram ambos cruéis e aceitavam a crueldade um do outro. A forma como a minha mãe o trata, o que diz dele, era para cortar relações na hora e nunca mais se escreverem. Mas ele responde e insiste, é muito revelador, tal como é reveladora a forma como a troca de correspondência acaba.

Como assim?

A minha mãe deixa de lhe escrever, pura e simplesmente, abandonou-o, como se ele tivesse sido um personagem durante aqueles anos todos.

Ele, que andou em vários países, era homossexual e bastante excêntrico. Já tinha cumprido o seu papel?

Sim. A minha mãe deixa de lhe escrever e não lhe responde mais. Ele morre passado pouco tempo. Fica-se com a sensação de ter havido ali uma... não sei, era como a minha mãe dizia: “Eu das pessoas gosto de lhes beber o sangue.” Foi o que tive a sensação de ter acontecido ali, ao ler as cartas. Ela bebeu-lhe o sangue todo e foi-se embora.

Esse colóquio, em que sua mãe foi oradora, viria a classificá-lo como

“majestosamente medíocre”. E houve quem considerasse o seu discurso reacionário, de direita. Este é, aliás, um rótulo que a vai acompanhar.

As pessoas precisam de rótulos.

Por ter sido uma menina privilegiada do Porto, que viveu no Douro com criadas? Porque, se é isso, também aconteceu com outras...

Sim, também é um bocado isso, acho que foi algo que se instalou — gente que nunca a leu, porque se a lesse percebia que não faz sentido nenhum. Mas acho que já está a ficar um bocadinho fora de moda.

Politicamente, é sabido que ela assumiu alguns apoios algo contraditórios — Freitas, Cavaco, Sampaio — e foi ativa na defesa da despenalização do aborto...

Acho que se as pessoas lessem os discursos que ela fez nessas tomadas de posição perceberiam, têm de perceber. Ela acreditava sobretudo nas pessoas, naquelas pessoas. E defendia aquilo em que acreditava. Era livre. No fundo, era uma pessoa com um grande sentido de responsabilidade, e a vida dela, a vida dos outros, a vida do mundo, não lhe dava nenhuma vontade de rir. E quando ela se ria era para tornar mais leve perante os outros a sua própria inquietação. Tinha humor, mas quando brinca é uma forma de se tornar mais acessível.

A sua mãe parece desiludida muitas vezes. Escreve ela, ainda jovem, a uma amiga: “Bem pobre e bem ridículo o Natal, tal como é tudo, tal como nós somos, que tedioso o mundo de mediocridade.” A escrita era a forma de aligeirar o tédio de um mundo medíocre?

Ah, sim, ela estava sempre a dar saltos para além do que lhe era oferecido no quotidiano.

“Toda a gente rica ou pobre só pensa financeiramente, isto para fugir ao vazio do coração” — outra frase de Agustina. No entanto, é conhecido o seu gosto por roupas boas, gostava de andar coquete, interessava-se pelo lado económico e pelo que era pago pelo seu trabalho.

Sem dúvida, era exigente, negociava e gostava de ser bem paga. Terá sido uma das escritoras mais bem pagas. Mesmo os artigos que escreveu para a imprensa (quando já era conhecida como escritora) eram muito bem pagos.

Muito bem pagos têm de ser certos títulos raros de Agustina. A Relógio D'Água, que vos edita, vai reeditar toda a obra?

É verdade. Vi noutra dia e fiquei abismada com um preço... Mas, sim, vai reeditar todos. É curioso que quando o Francisco Vale, da Relógio D'Água, começou a pedir-me para fazer os prefácios, fez-me questionar sobre essa mulher que foi a Agustina, que já não é mãe. Só passei a lê-la com conhecimento quando ela morreu. Aí é que tomei consciência daquilo que ela era, da sua inquietação, dos seus desejos mais profundos, do que desejou e nunca foi capaz de atingir, porque, até aí, o facto de ser filha era impeditivo de me atrever a julgá-la. A ausência física dela foi fundamental.

Trouxe distanciamento?

Um distanciamento total. Agora sinto-me completamente livre para a ouvir e para a perceber. Foi um exercício fundamental fazer o prefácio dos “Contos”, do livro de contos — um calhamaço de 1900 páginas com os contos todos da minha mãe. Quando escrevi esse prefácio é que me organizei mentalmente para entender quem era a Agustina.

Como guardiã da sua obra, o que vai fazer?

Organizar tudo o que ela deixou. Há muitas coisas avulsas que é preciso encontrar. Constantemente abro gavetas e encontro coisas. Isso... e estar presente, acompanhar as reedições.

E a Mónica?! É escritora, artista plástica, museóloga... Não seguiu o conselho da sua mãe: expor e vender pintura.

Achei que podia ser bonito, a minha vida dentro de um museu. E acabei por conseguir o que queria, ir para o Soares dos Reis, para o palácio. Só que foi muito frustrante. As quezílias... Foi

uma ideia romântica, sempre gostei do ambiente do museu, o silêncio, o percorrer das salas, olhar para as pinturas, mas depois não é isso...

Deixa de estar à frente de museus e começa a escrever...

Sempre escrevi, mas comecei a escrever com mais regularidade.

O que é que lhe traz a escrita que não lhe trouxe a pintura [é formada em Belas Artes]?

A pintura não me faz pensar e a escrita faz. Sou muito mais realizada na escrita. A pintura é algo de muito mecânico em mim, é muito natural. Posso estar um ano sem pintar e depois pego nos pincéis e pinto exatamente da mesma maneira.

Em “O Espelho Veneziano”, o seu último livro, há um estilo, por exemplo o uso de repetições de frases, de ideias — o gancho de ouro...

Mas, sabe, a revisora estava sempre a chamar-me a atenção, ela achava que era erro e queria tirar... [risos]

É um livro com frases curtas e sintéticas — a sua mãe tinha parágrafos longos —, mas há muitos momentos em que senti nele a escrita da sua mãe.

Mas isso é inevitável. Li-a tanto, ouvi-a tanto...

Na casa do Douro, que atravessa a obra da sua mãe e que foi tão importante na sua vida, havia muitas vivências anteriores... e fantasmas?

Havia três.

Quem eram?

O meu bisavô Lourenço e o filho do meu bisavô, o tio António, que é uma personagem muito presente na obra da minha mãe. Era padrinho dela, engenheiro dos caminhos de ferro e homem aventureiro. Gostava de África, da América do Sul, andou muito por fora. As características dele aparecem em diferentes personagens ao longo da obra.

E o terceiro fantasma?

O terceiro fantasma era a Lourença, uma criada que era uma cigana espanhola, de Zamora. Veio para Portugal com os meus bisavós (a avó era espanhola) e ficou sempre na casa até morrer. Está no jazigo de família, no Douro. Era uma mulher com um génio diabólico (eu não a conheci, contavam-me), mas muito importante na família, pela sua capacidade

de julgamento — era muito justa, uma contadora de histórias fabulosa, com quem a minha mãe começou a aprender a ouvir histórias. Esteve por lá... não sei se ainda está, com certeza já não estará...

Esses fantasmas... eram uma coisa que lhe contavam ou sentia-os?

Não, não, eu sentia, eu sentia. Ou era a campainha que tocava, um som de ventania estranho. Muitas vezes fiquei lá sozinha, depois de a minha avó morrer, e sentia. Houve uma noite em que pela primeira vez senti um certo receio, porque a maçaneta da porta do meu quarto rodou, rodou, rodou, a fazer imenso barulho. E não havia ninguém, eu estava completamente sozinha na casa.

E deixava-se simplesmente estar?

Deixava, não tinha medo. Não me queria mal. Mas havia essa carga, o conhecimento de um passado, o que contribuiu para essas sensações.

Sentiu isso desde criança?

Não, porque nessa altura a casa era muito habitada, havia naturalmente muitos barulhos e ninguém falava nisso.

E estaria distraída a ler o pato Donald em espanhol, nunca a condessa de Ségur...

Não, nunca a suporrei, era muito melosa, todas aquelas historietas para as quais eu não tinha paciência.

A condessa simplificava o complexo (para o tornar entendível), não lho peço, mas como sente o ar destes tempos em que há coisas absolutamente fantásticas e outras medonhas?

Eu já olho para isto tudo com uma descrença, com um desinteresse... Vejo isto um pouco como aquela imagem do juízo final, no fundo é isso que se está a viver, mas donde surgirá — tem de surgir — uma outra fase. Assistimos a um tempo de infantilização do homem. O estado de guerra é isso. Diz-se que se procura alcançar a paz. Mas a paz sem pensamento é um estado frágil e inevitavelmente conduz à guerra. É um jogo vicioso, guerra-paz, paz-guerra, sem que através do pensamento se encontre uma terceira via de inteligência, de comunicação, de permanência. Acho que seremos confrontados com uma situação limite e com o surgimento de um novo ciclo, e eu só tenho pena de não estar cá.

Não sei da sua, da vossa ligação à religião...

O grande exemplo para a minha mãe era a Santa Teresa d'Ávila, não há nenhum romance dela onde não esteja, como mulher de pensamento, de coragem, ela personifica o que é a religião para a minha mãe — não é ir à missa ou rezar o terço, não é cumprir rituais, é uma coisa diferente. Somos pessoas crentes e dialogantes com Deus.

Fala com Ele?

Farto-me de falar, todos os dias.

E Ele responde-lhe?

Responde.

Além de Teresa D'Ávila, que foi santa, os livros da sua mãe são atravessados por mulheres fortes...

Que é sempre ela.

E a Mónica?!

Nunca apareci.

Perguntou-lho?

Não, mas sinto, tenho a certeza. Nem eu nem o meu pai.

Porquê?

Não nos queria expor.

A sua mãe gostava muito de Camilo e escreveu uma biografia dele. Nela notou: “As mulheres não gostavam dele porque temem quem parodia, o que há para parodiar, que é quase tudo, e se não formos cobardolas e chochos é mesmo tudo.” Isto não abona muito as mulheres!...

Acha?! [risos]

A falta de sentido de humor é, no fim da linha, falta de inteligência...

A minha mãe não era uma defensora cega da mulher, admirava algumas pelo seu carácter. Mas se tinha em fraca conta as mulheres contemporâneas do Camilo parece-me que tinha boas razões para isso.

Falando em biografia, a Mónica não é a pessoa mais habilitada para fazer a biografia de Agustina?

Sabe que ainda foi o meu pai, há anos, que achou que o Rui Ramos era a pessoa ideal para escrever sobre a vida da minha mãe. Foi ele que lhe entregou essa tarefa. Eu vou escrevendo momentos biográficos. Este último livro, que sairá para o ano que vem, é também uma boa forma de a conhecer. ●

e@expresso.impresa.pt